

MEMÓRIA HISTÓRICA E COLETIVA: (RE)CONSTRUINDO TEIAS NA VILA CEARAZINHO

Rafaella Contente Pereira da Costa¹

Resumo: O objetivo deste estudo direciona-se para a relação memória histórica e memória coletiva em narrativas da Vila Cearazinho no município de Bragança, Pará nos aspectos do trabalho e do consumo sob as perspectivas teóricas de Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs e Michael Pollak. Com as narrativas é possível o entendimento das ênfases dadas a certas memórias e o silenciamento a outras que se expressam nos modos como a Vila repassa seus saberes pela oralidade. Nesta localidade, tais aspectos estão ligados com o ato de sobrevivência, oralidade, relações sociais e tradição. O estudo permitiu a compreensão de que diferentes memórias que estão inseridas no meio, bem como os sentidos dados a essas memórias que são compostas de elementos reais e simbólicos, constituem “as representações do mundo”, as identidades. As memórias se mostraram importante instrumento no sentido de compreender como as pessoas coletivamente constroem e dinamizam processos sociais, como a subjetividade se expressa e como atribuem significado as situações sociais.

Palavras-chave: Memória. Narrativas. Trabalho. Consumo.

A memória está ligada a aspectos da cultura, tradição, aprendizagem e poder, pois guarda informações que o homem representa como passadas possibilitando-o a ordenar lembranças, assim como estabelecer reflexão sobre ela. Por meio da acumulação de fatos tem-se a cultura que se torna tradição pela memória, a aprendizagem só é possível pela rememoração e o poder está relacionado a memória pelo fato de que em muitas sociedades, quem tem mais memórias detém um certo poder, como o de decisão sobre os rumos do lugar ou de sabedoria, sendo quem aconselha os sujeitos que fazem parte do grupo.

Em seu livro *A Memória Coletiva*, Maurice Halbwachs relaciona memória histórica aquela ligada à cronologia e à existência de uma só história, um fato, e memória coletiva à um grupo limitado no espaço e no tempo. No espaço porque são memórias que existem em um lugar específico e tempo, pois representam o que o grupo foi no passado criando um sentimento de pertencimento nos sujeitos que toma

¹ Rafaella Contente Pereira da Costa. Universidade Federal do Pará - UFPA. rafaellacontente@gmail.com.

consciência de sua identidade. Logo, há muitas memórias coletivas que são constituídas também por memórias históricas.

A memória histórica está nos livros, nos documentos públicos e nas memórias dos sujeitos, mas onde se encontra a história mais específica de um grupo? Ou de um bairro? Ou de uma comunidade? Onde estão aquelas pessoas que vivenciaram um fato que é contado pela história oficial e o que elas dizem sobre o que aconteceu? Por meio das narrativas orais podemos responder essas perguntas pelos que viveram um momento ou mesmo relataram o que alguém contou a eles. Valorizando a análise qualitativa, investigo as memórias coletivas e os aspectos do trabalho e consumo evidenciando assim as memórias históricas dos sujeitos como atores da sua própria identidade.

Para a pesquisa, mergulho nas relações humanas que a oralidade permite em torno dos acontecimentos e percepções apreendidas nas memórias buscando as representações do imaginário que se projetam nas narrativas dos moradores da Vila.

A reflexão sobre conceitos acerca do estudo da memória, história e elementos do cotidiano do trabalho e consumo de moradores rurais são sugeridos a partir das ideias discutidas no presente estudo, colaborando para novas percepções de fontes, métodos de pesquisa e um novo olhar para os usos sociais da memória.

MEMÓRIA E ORALIDADE

A oralidade está ligada aos sujeitos e é mediada pela linguagem que forma a narrativa, esta intrinsecamente vinculada à memória que é uma ocorrência nos sujeitos. Desta forma, as narrativas se apresentam como uma fonte que pode nos dizer, e muito, sobre aspectos do passado e também do presente. Halbwachs (2004) diz que as narrativas mostram a sociedade por visões de grupos que expõem conhecimentos sobre acontecimentos do passado, estabelecendo relações entre o geral e o particular de um lugar, acentuando que os sujeitos incorporam as memórias históricas nas memórias individuais e coletivas que formam produções simbólicas e que institui identidades.

Michael Pollak (1989) tratou desse uso da memória como fonte histórica e esta abordagem amplia a visão para as autobiografias que permitem a percepção, no período de vida de quem narra, elementos da memória coletiva e interpretações de um indivíduo sobre o passado e a respeito da realidade que vive.

Ao escutar uma narrativa, percebemos sentimentos e comportamentos atuais, mas que foram construídos no decorrer da história de vida e do espaço que os sujeitos ocuparam, a cada novo acontecimento presente ou descobertas do passado. Acontecimentos estes que se transformam em aprendizado e adquirindo forma de narrativa revelam representações que os sujeitos fazem no imaginário.

Quando um grupo considera um fato como sendo do seu passado ele sente que pertence a algum grupo, pois identifica o que são e o que foram e moldam a partir de uma compreensão coletiva uma identidade, exposta não só nos modos de vida do grupo, mas nas formas como se representam na oralidade.

Para Le Goff (1996) as narrativas são o ato mnemônico fundamental pela função social existente no momento da fala e relata que há elementos que interferem na memória como a afetividade, a inibição, a censura e o desejo que também fazem parte dessa memória. Ou seja, é uma teia, um entrelaçamento de memórias que são ditas nas narrativas.

Uma dessas memórias e teias são as entretecidas com a memória histórica que segundo Halbwachs (2004), através da mesma percebemos subjetividades na memória coletiva, pois fatos históricos deixaram impressões nos modos como um lugar se desenvolveu e estas marcas fazem parte dos sujeitos. O autor relata a memória histórica como:

A história reduz os acontecimentos a termos aparentemente comparáveis, o que lhe permite ligá-los uns aos outros, como variações sobre um ou alguns temas. Somente assim, ela consegue nos dar uma visão em ponto pequeno do passado, apanhando num instante, simbolizando em algumas mudanças bruscas, em alguns avanços dos povos e dos indivíduos, lentas evoluções coletivas (HALBWACHS, 2004, p.91).

O Cearazinho

Cearazinho é uma Vila localizada no município de Bragança, Estado do Pará, distante a 12 km dessa cidade na BR 308. Na memória histórica dos moradores da Vila estão presentes referências de que foi fundada aproximadamente em 1900 quando um homem veio do Estado do Ceará com sua família e habitou o local construindo a primeira casa. A localidade ficou conhecida como Cearazinho pela naturalidade e baixa

estatura do imigrante. Este teria aprendido com habitantes da região que descendiam de antigas tribos indígenas² como produzir farinha. Segundo Manoel, um morador do Cearazinho:

Muito bem... O Cearazinho começou... Porque o primeiro morador era cearense, de baixa estatura. Ele faleceu, mas ficou o nome Cearazinho. Tudo indica que ele veio devido a região lá ser muito difícil de sobrevivência... E ele migrou de seu Estado para o nosso Estado do Pará e encontrou a região que ocupamos desocupada e eu acredito que ele se deu bem [risos], fez sua história, né? Fez bem.

Antes ali era só indígena, tinha uma aldeia em Augusto Correa, toda aquela região ali era só índio. É provável que o nosso trabalho com a farinha tenha vindo do contato que esses primeiros moradores tiveram com os índios. Porque os antigos dizem que quando os cearenses chegaram eles não sabiam produzir farinha e que foi no contato com os índios que eles aprenderam (Manoel, 43 anos)

Segundo Halbwachs, o sujeito quando lembra mostra que faz parte de um grupo de referência e a narrativa de Manoel nos possibilita compreender ainda a memória como resultado desse processo coletivo que está inserida em um contexto social específico, que estabelece um conjunto de pensamentos, cria uma identificação com as ocorrências do grupo no passado e assim confundi o seu passado e o do grupo no contexto atual com essas ocorrências anteriores.

² Índios Tupinambás existiam na época da Fundação e mais tarde também outros índios vindos do sertão. Viviam primeiramente nas proximidades do rio Gurupi e Vera Cruz e depois próximo do que hoje é Bragança, em decorrência da transferência da vila do lado esquerdo do Caeté para o lado direito em 1753. Dentre as atividades, faziam coleta de frutas, pescaria, aprisionavam formigas voadoras, produziam farinha, preparavam as raízes e o milho para a produção do cauim e faziam a salvação do milho. As mulheres eram boas produtoras de farinha, elas faziam farinha fina, curimã, que hoje é chamado de carimã e é um mingau de farinha e o beiju (Documentos da Associação sócio-cultural e recreativo de Bragança, 2004).

Compreende-se que para os moradores a produção de farinha foi responsável pela existência e crescimento do local, visto que serviu como alimento, autonomia do grupo e processos de sociabilidade. Aliam a memória histórica da chegada dos cearenses com a aprendizagem de produção de farinha, desta maneira, para os moradores da Vila a questão do trabalho com a farinha garantiu a sucessividade de gerações.

De acordo com as narrativas, os moradores do local ainda dão continuidade à tradição do repasse da cultura do trabalho por meio da fala, semelhante aos índios, mostrando desta forma, o reconhecimento em uma cultura e a redefinição a partir das suas origens, além de explicitar um fato da história oficial, as migrações e a existência de índios na região, no registro da memória, ou seja, a memória histórica registrada a partir do que se ouviu. Sobre o trabalho com a agricultura, Manoel relatou:

Nós encontramos a única solução na agricultura na época para sobreviver. E nós caminhamos neste lado, seguimos esta trilha da agricultura. E hoje o ponto forte da comunidade é a farinha e estamos hoje além da farinha, já articulando através da cooperativa, articulando outras produções, né? Nos achamos que hoje a farinha está sendo muito fraca devido as nossas terras já terem sido muito usadas, né, agora tem um anais que dá menos produção.

Eu aprendi com meu pais né, desde criança a gente ia lá pra casa de farinha e ele chegava ...

- Olha é assim que se faz!

Até na hora de botar a mandioca pra amolecer ... E a gente ia pra roça com eles. Eles diziam:

- Olha, tu pega assim e alimpa a mandioca assim ...

E nós ia aprendendo (pausa). Hoje nós somos professores, eu digo pro pessoal ... Olha nós somos professores aí.

Percebe-se que Manoel ao falar “Nós encontramos ...” se sente pertencente àqueles primeiros povos que chegaram na região e esse sentimento de coletividade é um dos motivos que o faz manter a tradição do trabalho com a farinha, que é uma atividade que reúne mães, pais, filhos e netos, pois, na comunidade as crianças já começam a fazer farinha aos sete anos e os menores estão geralmente por perto, na casa de farinha, brincando e observando.

Por meio do trabalho, o espaço social do Cearazinho transcendeu para além de sua fronteira geográfica e partiu para outros espaços que partilham de diferentes e iguais identidades ideológicas, políticas e culturais. A produção de farinha, por meio das relações de comércio, possibilita a existência da difusão de novos códigos culturais entre comunidades e representa o reconhecimento social e político na localidade da região bragantina.

Embora considerada uma Vila de agricultores familiares, devido a necessidade de aumento da renda para a melhoria da produção de farinha, aumento do consumo de produtos em geral, curiosidade de conhecimento de outras áreas profissionais e intercâmbio entre pessoas do Cearazinho e outras da região, os habitantes do local também trabalham em áreas diferente de tempos anteriores, que de acordo com as memórias, eram unicamente com a produção de farinha.

Os aspectos que relacionam natureza e territorialidade são essenciais nas representações socioambientais de trabalho da Vila, que ainda que esteja caminhando paralelamente à outras formas de subsistência, a aprendizagem sobre a forma como construíram suas representações de territorialidade, manejo e ecossistemas, estão intrinsecamente em suas práticas de trabalho, como compreende-se na narrativa de Maria Celina.

Nós trabalhamos na cooperativa com a extração de óleos de buriti, murumuru e andiroba. Tudo é feito e retirado no tempo devido. Aprendemos com a farinha que tudo tem um tempo certo ... Agora tem pouca produção de óleo, mas mês que vem vai ter muito porque é tempo de colher. Nós também não produzimos muito (pausa). A gente entende que não vale a pena pegar tudo de uma vez só pra vender. Nós tivemos o exemplo, só faz besteira na natureza quem quer (Maria Celina, 49 anos).

A compreensão de meio ambiente, que nesta historicidade de desenvolvimento está centrado também na fundação do local, devido a melhores condições ambientais de sobrevivência, traz o discurso de preservação ambiental que é corrente na fala dos moradores quando falam sobre trabalho, pois entendem que a poluição do lugar ou mesmo usar a natureza de modo inadequado, como retirar os frutos antes da época, podem fazer com que em um futuro não muito distante as fontes de alimentação e trabalho estejam fadadas a fracassar.

Benedito expõe nas narrativas a relação da comunidade com a natureza, de como se consideram parte do meio ambiente e o aprendizado com a história do primeiro morador que é um dos exemplos da importância de um meio ambiente adequado para plantação, por esse motivo constituíram sistemas culturais de trabalho nos quais a floresta é respeitada.

Antes era farinha empalhada, toda artesanal, nem se falava em plástico. A farinha empalhada é feita em paneiro. Era feita da guarimã, um produto extraído da natureza, né, tira a folha da guarimã e faz todo um processo. Tem palha, coloca a folha no paneiro e coloca a farinha por dentro né ... Fica tudo natural. O respeito para que o agricultor tinha com a natureza [pausa]. É que hoje nós vemos que perdendo, né. As próprias comunidades daqui da feira você não encontra farinha empalhada. Aqui na comunidade por mais que não tenha a farinha empalhada nós respeitamos a natureza, o tempo de colheita, não poluímos o meio ambiente com plástico (Benedito, 52 anos).

A oralidade permite várias explicações a partir de como os sujeitos interpretam a realidade e praticam ações em função de seus imaginários. Por meio das narrativas, observo que a constituição de família se relaciona com o trabalho quando ela oferece base para o sustento e o surgimento de novas famílias, significando para os moradores do local, a continuidade do trabalho com a farinha.

Eu tenho essa filha aqui, e eu sustento ela com o que eu e o pai dela ganhamos com a venda da farinha. Quando eu conheci ele, ele não trabalhava com isso ... Quando eu fiquei grávida a gente passou a morar junto aqui onde eu nasci que é no Cearazinho e trabalhar com a farinha. Porque lá onde ele morava não tinha como viver e aqui eu tenho (Margarete Souza, 23 anos).

Ao final da entrevista com Margarete, ela evidencia o fato de que o marido foi morar na comunidade dela para trabalhar com a produção de farinha e acontecimento semelhante também foi relatado por Manoel, ao narrar um exemplo de memória coletiva de como a comunidade cresceu na época da chegada do primeiro morador e como o trabalho com a farinha possibilitou-o de formar uma família. Percebe-se que o valor do trabalho com a farinha, material e sentimental, é repassado a outros que não faziam parte da comunidade. É recorrente pessoas que formaram família com alguém que não

mora na Vila trazerem estas para o Cearazinho, pelo local oferecer melhores condições de vida econômica. Esse fato também influencia a formação de família em moradia própria e a não estadia na casa dos pais quando filhos já possuem relações estáveis e filhos.

Através de uma comunicação que vieram surgindo outras pessoas até por causa de família mesmo que pode casar o filho com outra família e vem chamando ... Chamando e chegou a um ponto de nos estarmos hoje também. Por exemplo, o meu pai era do Cearazinho e a minha mãe de um lugar chamado Pimenteira. A minha esposa era do Campinho, que é vizinho aqui, aí eu dei um traço por lá e tirei ela do Campinho [risos]. Eu trouxe ela pra cá, porque assim, ela já trabalhava com a farinha lá aí só juntou. Quer dizer, como eu tinha trabalho eu podia ter uma família se eu não tivesse não teria casado.

Trata-se de um exemplo de sociedade amazônica, sociedade esta que se caracteriza por ser independente de documentos escritos para ter construído seus modos de vida, que reconhece a fala como meio de preservação de seus saberes e que os repassa dia após dia. Na primeira narrativa a seguir, Manoel relata como passa o saber para os filhos e na segunda como seus pais passaram para ele, dessa forma, as narrativas permitem comparações com o tempo, espaço e cultura e mostra a complexidade das relações. Em suas narrativas, os moradores da comunidade fortalecem o sentido da memória coletiva de enraizamento do lugar e da tradição de trabalhar com a farinha.

Eu me preocupo porque nos levamos eles para o trabalho, e eu levo eles para o trabalho e eu procuro dá aula mesmo na prática. Falo: “olha o trabalho hoje é esse”. Dessa forma. Mas eu falo assim mesmo: “eu não quero que vocês continuem só nessa aqui, vocês tenham a farinha futuramente pra não comprar, tenham produto de qualidade, mas que tenham outros produtos da agricultura para fornecer pra cidade, pra manter a pessoa lá na comunidade”. Porque uma das minhas preocupações é manter esse pessoal que hoje tão crescendo aí na comunidade (...). Eu não quero ver eles na situação de pobreza, eu quero ver eles dando exemplo lá na agricultura.

Eu comecei a fazer farinha com dez anos. Ia pra roça com o meu pai e aprendi. Nunca parei com meus estudos, mas vou

continuar a fazer farinha até se eu fizer um curso e trabalhar fora. Viver só de outros trabalhos e muito pouco e fazer a farinha é coisa certa, sempre tem pra onde vender e meu pai me sustentou com isso. Hoje eu trabalho com ele mas ele me dá uma parte. (Wilton Reis, 19 anos).

Eu parei de estudar, mas trabalho aqui com a farinha. Meu pai e minha mãe trabalham e eu aprendi, hoje eu casei e meu marido mora comigo, e mesmo sendo de Bragança ele aprendeu a plantar, colher e fazer a farinha. Ele tem outro emprego, mas com o dinheiro da farinha nos compramos a nossa comida. (Bruna Cristiane, 22 anos).

Nas duas falas dos jovens observa-se as formulações que pertencem a sequências discursivas que são oriundas de outras, ou seja, às falas anteriores que vem de geração em geração e que se apresentam na narrativa dos mesmos. Desse modo, verifica-se os efeitos da memória que as sequências de discursos produzidas nas falas atuais, o que permite compreender as condições de produção de discurso, como o contexto histórico-social, os interlocutores e o lugar de onde falam.

Para Halbwachs, a memória não é uma repetição do passado, mas é o resgate dos acontecimentos de tempos anteriores nas experiências atuais, desta forma, retomam as relações sociais que são construídas a partir de um elemento comum como a questão da sobrevivência para os moradores do Cearazinho que se antes esteve atrelada somente para a alimentação, hoje está entretida com o consumo de móveis, eletrodomésticos, roupas e lazer.

Não era preciso ter tanto dinheiro assim, né? Não que a gente tenha agora, mas agora é preciso se tiver que comprar alguma coisa. As vezes a gente compra usado também. Mas antes não tinha energia, então não era preciso trabalhar pra ter que comprar geladeira, entendeu? O meu filho as vezes vê na televisão ... Diz que é bom ter. Minha mulher também. A gente trabalhava pra sobreviver ... Comer ... Agora as vezes tem que comprar o que vê e se agrada. Mas nós não fica vendo as coisas e querendo não. Só as vezes. Caso de ser melhor mesmo como a geladeira (Benedito Reis, 52 anos).

Só uma filha não faz farinha, a farinha é a renda principal ... Numa faixa de 40% a renda é para a cozinha. A gente compra o peixe, a carne e as vezes frango quando dá vontade de comprar na loja. Eu não como todo dia farinha porque eu tenho diabetes agora, agora ... De vez em quando

eu como um pouco. Quando meus filhos eram crianças eles tomavam até dois meses ... Eles tomavam mingau de carimã. Eu não sou muito de comprar achocolatados porque faz mal, né? Nós comemos muita fruta, aqui nós comemos bem. As frutas é a nossa coca-cola.

Eu que comprei a geladeira, televisão e o rádio com o dinheiro da farinha. O fogão com o dinheiro do bolsa família. Nós compramos pela marca, nós sabemos por parte de conhecimento de energia que é a letra A ... Os técnicos das lojas também falam (Manoel, 43 anos).

Eu estou achando que vou entrar para a cooperativa (risos). Quero ter algumas coisas ... Um notebook para me manter informada por causa dos estudos e para entrar na internet (risos). Eu gosto do facebook. Eu vejo televisão ... Escuto rádio ... E as vezes eu quero umas coisas ... Um dia desses eu pedi para minha mãe um sandália da Zaxy, gosto também de um produto para cabelo Seda Reconstrução Estrutural (Fabrícia, 19 anos)

A partir do consumo compreende-se que as maneiras pelas quais os sujeitos se relacionam se transformaram, e os meios de comunicações são atrelados às formas de ação e interação da sociedade, ou seja, o consumo de mídias. Com a convivência com essas mídias houve a reelaboração da maneira pelas quais os moradores do Cearazinho dão a vida social, ou seja, embora as tradições não tenham acabado observei que ficam entrelaçadas com os fluxos de informações que inserem a Vila em novas redes de conhecimento.

Nas narrativas observa-se a interlocução de testemunhos nas práticas da Vila mostrando a memória coletiva em constante diálogo com situações atuais, se reconstruindo e resignificando, desta forma, as narrativas mostram a adaptação e as resistências que os sujeitos tem em relação à memória. Os sentimentos de pertença e identidade como trabalho e meio ambiente que foram constituídos a partir do passado do grupo se mostram fatores determinantes no consumo.

Os depoimentos obtidos são passíveis de incontáveis análises a partir não só do objeto central da narrativa, mas de todo o cenário e personagens que são inseridos e mostram interpretações que oferecem uma nova inteligibilidade sobre a Vila. Os esquecimentos, as pausas, a inserção e exclusão de elementos, por vezes na mesma história contada por vários moradores, permitem novas reflexões sobre o objeto de estudo.

As memórias possibilitam compreender essa Vila, que em meio às dificuldades de condições básicas de sobrevivência das cidades, encontram estratégias de sobrevivência desenvolvendo um imaginário sobre o mundo muitas vezes diferente da cultura dita oficial, e que apesar da materialidade que é conseguida com o trabalho, a linguagem tem importância fundamental para os moradores, pois é compreendida pelos mesmos como um elemento que constitui a cultura por servir como canal para o repasse de tradições.

Diante dessas considerações, a relação entre o trabalho e a consumo foi analisada e interpretada com base nas inter-relações dos indivíduos as quais englobam economia e estrutura social, pois exercem influências umas sobre as outras, deste modo, percebe-se a importância da análise do cotidiano para o entendimento que o trabalho com a farinha confere à vida diária.

O espaço onde se constrói uma vila nos interpela para o reconhecimento de determinações que implicam nas relações sociais. O que esses sujeitos fazem, como fazem e por que fazem são as formas que projetam suas vidas e que pode-se observar na linguagem, e desse modo, nas narrativas de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.
MICHAEL, Pollak. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricas. Rio de Janeiro: v.2, n.3, 1989.
POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p.3-15, 1989.